

Parte 1 - Subordinação na oração

2 - As orações completivas subjetivas e objetivas

Gisele Cássia de Sousa
Marize Mattos Dall’Aglio Hattner
Sandra Denise Gasparini Bastos
Valéria Vendrame Ferrari

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SOUSA, GC., *et al.* As orações completivas subjetivas e objetivas. In: PEZATTI, EG., orgs. *Construções subordinadas na lusofonia: uma abordagem discursivo-funcional* [online]. São Paulo: Editora UNESP, 2016, pp. 41-74. ISBN 978-85-6833-480-5. Available from: doi: [10.7476/9788568334805](https://doi.org/10.7476/9788568334805). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/zpbsx/epub/pezatti-9788568334805.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

2

AS ORAÇÕES COMPLETIVAS SUBJETIVAS E OBJETIVAS

*Gisele Cássia de Sousa**

*Marize Mattos Dall'Aglio Hattnher**

*Sandra Denise Gasparini Bastos**

*Valéria Vendrame Ferrari**

Palavras iniciais

Neste capítulo é apresentada uma descrição funcional das orações subordinadas substantivas encaixadas em função de sujeito e de objeto, que atuam como argumentos de um verbo. Embora a subordinação em língua portuguesa constitua tema de muitos estudos, a investigação das orações subordinadas sob uma perspectiva discursivo-funcional ainda é pouco desenvolvida. Essa abordagem considera que a pragmática é um componente mais amplo dentro do qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas. No capítulo serão destacados aspectos semânticos e discursivo-pragmáticos que interferem na estruturação morfossintática de orações completivas do português, especificamente das completivas subjetivas e objetivas.

* Universidade Estadual Paulista (Unesp) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas de São José do Rio Preto (giselecs@ibilce.unesp.br; marize@ibilce.unesp.br, bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Proc 308797/2012-4; sandradg@ibilce.unesp.br; valvendrame@yahoo.com.br). Agradecimentos especiais ao prof. dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves pelas valiosas contribuições feitas no início do desenvolvimento deste trabalho.

Delimitação do fenômeno: as orações completivas na Gramática Discursivo-Funcional

A subordinação, na Gramática Discursivo-Funcional (GDF), é um processo que pode ocorrer, no nível morfossintático, tanto na camada da oração como na do sintagma. As orações completivas aqui tratadas, tradicionalmente denominadas substantivas subjetivas e substantivas objetivas, configuram-se como casos de subordinação dentro da oração, mais especificamente, como subordinação de argumentos oracionais que exercem a função de sujeito e de objeto do verbo de uma oração principal. Essa subordinação também pode ocorrer na camada do sintagma, como é o caso das tradicionalmente denominadas substantivas completivas nominais (tratadas no Capítulo 8 deste volume).

Como um modelo que permite incorporar aspectos funcionais à descrição morfossintática das estruturas linguísticas, a GDF classifica as orações completivas a partir do tipo de unidade semântica que elas representam, destacando, assim, os aspectos semântico-discursivos dessas construções em moldes semelhantes aos de trabalhos anteriores, como os de Dik (1997b), Givón (1980; 1984; 1990) e Noonan (1985), entre outros.

A proposta de Hengeveld e Mackenzie (2008) é que, em termos semânticos, orações completivas equivalem a unidades de diferentes ordens, sendo a semântica do predicado da oração principal responsável por determinar o tipo de unidade interpessoal ou representacional que pode ocorrer como oração encaixada. Nesse sentido, ao trabalho aqui apresentado interessou verificar as correlações existentes entre os processos de formulação semântica e de codificação morfossintática das orações completivas.

De acordo com a GDF, as unidades passíveis de representação nas orações completivas restringem-se àquelas de ordem superior a indivíduos,¹ podendo ser, portanto, um movimento, um ato dis-

1 Indivíduos não funcionam como complemento oracional de sentenças complexas, já que constituem uma entidade de primeira ordem. Trata-se de uma entidade concreta, tangível, que pode ser localizada no espaço e avaliada em termos de sua existência (Lyons, 1977).

cursivo ou um conteúdo comunicado, no nível interpessoal; um conteúdo proposicional, um episódio, um estado de coisas ou uma propriedade, no nível representacional.

No nível interpessoal, orações completivas podem constituir um movimento que funciona como argumento de um verbo indicativo da parte inicial ou final de uma interação, como “concluir” no exemplo seguinte, cujo complemento corresponde a um movimento final (de fechamento) da interação.²

- (1) Embora seja difícil fazer generalizações sobre assunto tão controverso, é fácil **concluir** *que, em resumo, essas ocupações ilegais têm levado a uma perda de cobertura vegetal, bem como a uma substancial mudança no tipo de vegetação existente. Ao mesmo tempo, a consciência pública quanto à importância da vegetação urbana tem certamente aumentado nos últimos dez anos, embora permaneça uma questão em aberto: o quanto dessa consciência se traduziu em mudança efetiva de comportamento mediante a vegetação urbana nas grandes cidades.*

Uma oração completiva pode ainda evocar um ato discursivo, ao constituir argumento de um verbo *dicendi*, como “dizer” no exemplo (2), que introduz todo um ato de fala que pode ser emitido pelo falante em uma interação.

- (2) É desnecessário **dizer** *que questões como qualidade e atitudes orientadas para o consumidor serão consideradas.*

Ainda no nível interpessoal, uma oração completiva pode equivaler a um conteúdo comunicado que também complementa um verbo *dicendi*, como exemplificado a seguir.

- (3) Ele **disse** *que havia algumas histórias de ameaças de violência doméstica na família.*

Diferentemente do exemplo (2), o exemplo (3) apresenta um caso de discurso indireto. O conteúdo comunicado, que equivale ao que é relatado na completiva, veicula, assim, uma informação

2 Os exemplos 1 a 7 foram adaptados de Hengeveld e Mackenzie (2008, p.364-5).

atribuída a uma terceira pessoa que o falante retransmite ao ouvinte no momento da interação. O ato discursivo, nesse caso, corresponde a todo o enunciado, formado por oração principal e oração completiva.

No nível representacional, as orações completivas podem equivaler a um conteúdo proposicional, elemento que pode ser qualificado em termos de atitudes proposicionais, como mostra o exemplo (4), em que a oração destacada complementa o sentido do verbo “acreditar”.

- (4) **Acreditamos** *que aproximadamente 60% da população pensam que o governo está escondendo o que eles já sabem sobre os extraterrestres.*

As orações completivas também podem constituir um episódio, ou seja, um conjunto de estados de coisas tematicamente coerentes, como mostra o exemplo a seguir, em que as orações em destaque complementam o verbo “acontecer”.

- (5) **Aconteceu** *que nós estávamos na hora certa e no lugar certo, mas não fomos pegos pelo Talibã.*

Ainda considerando o nível representacional, as orações completivas podem representar-se por estados de coisas, quando fazem referência a entidades que podem ser localizadas no tempo relativo e que podem ser avaliadas em termos de seu *status* de realidade. No exemplo (6), a oração encaixada no verbo “querer” configura-se como um estado de coisas.

- (6) Lília **queria** *que eu viesse depois do almoço.*

Por fim, de acordo com o que propõe a GDF, as completivas também podem constituir uma propriedade no nível representacional. Segue o exemplo do inglês de encaixamento de propriedade, oferecido por Hengeveld e Mackenzie (2008).

- (7) The police **continued** to shoot into the crowd. (p.365)
A polícia **continuou** a atirar na multidão.

Como se pode observar na tradução de (7), o verbo “continuar” tem apenas valor aspectual e, diferentemente dos verbos nas orações principais ilustradas até aqui (cf. (1)-(6)), não descreve um evento. Na GDF, estruturas sintáticas que contêm verbos auxiliares, como “continuar”, em (7), são tratadas como propriedades configuracionais, que constituem o inventário de moldes de predicação relevantes de uma língua. A sequência “continuou a atirar na multidão” corresponde, assim, a um único molde de predicação e, por essa razão, a subordinação ocorre no nível do sintagma, e não no nível da oração. Essa diferença revela-se ainda quando se tenta parafrasear o constituinte subordinado de (7) por uma oração finita, como em (7a).

- (7) a *A polícia **continuou** que atirava na multidão.

Se “atirar na multidão”, em (7), constituísse uma oração correspondente a uma forma reduzida de uma completiva, a paráfrase em (7a) seria possível. Trata-se, assim, de subordinação no nível do sintagma, um caso que, por essa razão, não será analisado aqui, pois este trabalho se limita à subordinação no nível da oração.

Verbos indicadores de significados modais, como “saber”, “conseguir”, “precisar”, “desejar” e “querer”, ilustrados em (8a)-(8e), também parecem se comportar como auxiliares, à semelhança de “continuar” em (7).

- (8) a eu que cozinheiro mesmo. *ele não sabe fazer nada, sabe nem fritar um ovo!* (Brasil 80: Macarronada)
a' *ele não *sabe* que faz nada / *nem* que fritar um ovo.
b e é do meu trabalho que *eu consigo sobreviver*. (Angola 97: Jovem Gaspar)
b' **eu consigo* que (eu) sobreviva.

- c e aqui, rapaz, a gente temos de tudo. de tudo! para ser um país, pô! rapaz! sinceramente, *a gente não precisava apanhar dinheiro com ninguém não*, cara! é a mesma coisa com o petróleo. (Brasil 80: Se eu mandasse)
- c' * a gente não *precisava que (a gente) apanhasse* dinheiro com ninguém.
- d e eu tive a prudência de não cair nesse aspecto. não por razões eleitorais que nunca estiveram no meu espírito e por i[...], porque eu tenho como sempre, como sabe e sempre dito que *não desejo recandidatar-me*. (Portugal 90: Poderes do chefe de Estado)
- d' * não desejo *que (eu) me recandidate*.
- e – não, porque *eu sempre quis ter um filho*. (Brasil 80: Criar filhos)
- e' *eu sempre *quis que (eu) tivesse um filho*.

Como se observa em (8a')-(8e'), a paráfrase com uma oração completiva finita, nesses casos, também não é permitida,³ o que reforça a interpretação de que os verbos modais se comportam como auxiliares, de que a construção envolve um único molde de predicação e de que a subordinação ocorre no nível do sintagma, e não no nível da oração. Esses casos, portanto, também não são abordados neste texto.

No tratamento dado à subordinação, interessa à GDF investigar quais fatores são responsáveis pela escolha de determinado tipo de oração subordinada. A essa caracterização semântico-discursiva das completivas, em termos de diferentes unidades dos níveis interpessoal e representacional, correlaciona-se uma variedade de propriedades formais dessas orações em português, conforme demonstraremos na seção a seguir.

Convém observar, por último, que as unidades do nível interpessoal são bem menos comuns na forma de orações subjetivas e

3 As paráfrases com orações completivas desenvolvidas só são permitidas quando não há identidade entre os participantes sujeitos. Com sujeitos diferentes e com oração completiva finita, os verbos nas construções de (8a)-(8e) passam a ter outros significados, não modais (cf. **Eu** não sei fritar ovo. / **Minha mãe** não sabe que **eu** fritei um ovo).

objetivas do que as unidades do nível representacional. Na amostra aqui considerada, unidades do nível interpessoal limitam-se a conteúdos comunicados, expressos exclusivamente na forma de orações objetivas, como no exemplo a seguir.

- (9) *muitas pessoas dizem que a Sida pode-se transmitir através de beijo*, não é verdade, através de trocar as roupas, se por exemplo tens Sidas – Deus queira, hem? – tu tens Sida, eu visto as tuas roupas eu vou também apanhar Sida, através de colheres, comer, comer ou dormir na mesma cama. mas outras pessoas sabem que a Sida não se transmite assim. (Guiné-Bissau 95: Sida)

Dado o propósito deste texto de identificar possíveis correlações sistemáticas entre aspectos semânticos e morfossintáticos das construções completivas, e tendo em vista essa ocorrência bastante reduzida das completivas do nível interpessoal, a análise aqui apresentada se restringirá às unidades do nível representacional.⁴

Forma e função das subjetivas e objetivas

A amostra total de ocorrências identificadas no *cópus* descrito na apresentação desta obra contém 688 ocorrências, das quais 132 são de orações subjetivas (finitas e não finitas) e 556 de orações objetivas diretas e indiretas (finitas e não finitas).

Ressalte-se, de antemão, que o maior número de ocorrências de objetivas, em comparação com o de subjetivas, ratifica a distribuição observada em estudos anteriores sobre essas completivas, como os de Gonçalves e Sousa (2011) e Gonçalves, Dall’Aglio-Hattner e Sousa (2012), voltados à investigação diacrônica de orações completivas desses dois tipos. Estes três últimos autores

4 Para uma descrição das orações completivas do português brasileiro, representativas de unidades tanto do nível interpessoal quanto do nível representacional da GDF, ver Vendrame (2010), que se volta, especificamente, à análise de expressões evidenciais nas construções completivas.

fundamentam-se em significados mais gerais das orações subjetivas e objetivas para explicar a diferença de frequência entre as duas orações. Segundo os autores, construções com oração em posição de objeto servem predominantemente à descrição de eventos (em geral, dois: um na principal, outro na completiva objetiva), ao passo que, conforme atesta Gonçalves (2001), construções com sujeitos oracionais servem prototipicamente à expressão de atitudes subjetivas, em geral, atitudes avaliativas modais. A menor frequência de ocorrências identificada para as construções subjetivas pode se explicar, assim, de acordo com os autores, pelo significado mais geral dessas construções de veicular atitudes avaliativas, que certamente são de tipos menos variados e menos frequentes na interação do que a referência a eventos do mundo real, mental, ou enunciativo, que podem ser descritos em um complexo com oração objetiva.

Especificamente no caso das orações em posição de objeto, as objetivas diretas e indiretas⁵ não apresentam diferenças com base nos parâmetros de análise investigados, sendo, por isso, tratadas em conjunto no âmbito deste capítulo. Um aspecto observado na análise dos dados, a partir da comparação entre esses dois tipos de orações, é que as objetivas indiretas ocorrem, em sua maior parte, como orações não finitas; praticamente não há ocorrências desse tipo como oração finita. Verbos que em princípio são transitivos indiretos ocorrem com complemento oracional finito sem a preposição regente, como ilustra o exemplo a seguir, com o verbo “lembrar-se”.

- (10) eu... acho que, talvez hoje já **não se lembrem bem que** a primeira instituição de carácter superior, tirando uma vaga escola médico-cirúrgica do século dezanove que nunca funcionou para formar gente aqui, a primeira instituição de ensino superior foram os Estudos Gerais Universitários, que foram em mil novecentos e sessenta e três. (Angola 97: Ensino em Angola)

5 Constituintes com função de objeto direto e de objeto indireto equivalem, respectivamente, às funções semânticas inativo (*undergoer*) e locativo (*locative*), conforme distinguidas na GDF.

Se o complemento desses verbos é um sintagma nominal (Np), por outro lado, o emprego da preposição regente é praticamente categórico nos dados, conforme exemplificam (11a)-(11b).

- (11) a não foi preciso olhar-te duas vezes para **me lembrar daquela paisagem** (Moçambique 83: Cantar e pintar)
 b e **lembram-se de alguns abusos** que estas crianças tenham tido e que vocês tenham sido os verdadeiros protectores, como muitas vezes se diz, abusos sexuais, sobretudo contra as tais... sobretudo meninas? (Angola 97: Meninos de rua)

Nesses casos em que o verbo “lembrar”, pronominal por definição, é complementado por Np, é comum a preposição ocorrer mesmo sem a presença de pronome clítico, como mostra (12).

- (12) no momento *eu não lembro de* nada que o carioca fala errado. (Brasil 80: Comer e falar bem)

Por outro lado, há nos dados ocorrências de completivas finitas de verbos transitivos diretos antecedidas da preposição “de”, como mostram as ocorrências em (13a)-(13c). Trata-se de um caso de “dequeísmo” (Mollica, 1989; 1995), que não altera o estatuto sintático do complemento oracional, razão pela qual essas orações completivas são tratadas, aqui, como objetivas diretas.

- (13) a – e quando é, quando é desenhado, fica tão bonito como ando é, como quando baseado sobre a fotografia?
 – sim. m[...], eu, a[...], **acho de que... em, em de[...], desenhado, quanto a mim é até m[...], melhor.** (Cabo Verde 95: Colecionismo)
 b – eh, eu admiro-me bastante. admiro-me bastante porque... foram educados nas escolas indonésias mas não perdem assim a sua identidade e o seu orgulho de ser timorense. portanto eu me admiro bastante.
 – hum, hum.
 – é.
 – eh...
 – **isto demonstra de que... este jovem soube amar, e dar-se à sua pátria.** (Timor Leste 99: Identidade de um povo)

- c não todas as religiões desapareceram na altura. eh, os portugueses, conforme o que eu tinha ouvido, *os pais me contaram de que conseguiram não fazer desaparecer a, a religião tradicional*, mas a, conseguiram assim introduzir o cristianismo em Timor, utilizando assim a, um, uma, uma maneira muito, muito, muito suave, digamos assim, que, para aqueles que, na altura, queriam que os filhos fossem assim educados nas escolas, tinham que aceitar a ser baptizados. (Timor Leste 99: Identidade de um povo)

Semântica do predicado da oração principal

Nesta seção, objetivamos demonstrar em que medida os significados do predicado da oração principal determinam propriedades formais e semânticas da oração encaixada nas completivas subjetivas e objetivas aqui analisadas. Para tanto, inicialmente será tratada a classificação semântica dos predicados identificados a partir dos dados analisados.

Os predicados que encaixam orações subjetivas e objetivas nos dados do trabalho aqui apresentado podem, conforme o significado que expressam, ser agrupados em três classes: predicados avaliativos (modais e não modais), predicados descritivos e predicados manipulativos/causativos. Essa proposta de classificação dos predicados encontra respaldo em vários estudos sobre a temática (Noonan, 1985; Givón, 1984, 1990; Dik, 1997b; Sousa, 2007; Gonçalves; Casseb-Galvão, Sousa, 2008), embora, nesses estudos, as classes sejam mais numerosas, porque a classificação está baseada em significados mais específicos dos predicados (volição, percepção, ato de fala, atitude), em especial aqueles que, no trabalho aqui apresentado, integram a classe dos predicados descritivos.⁶ A proposta de divisão em três classes a partir de significados mais amplos dos predicados, além de mais econômica, mostra-se suficiente para os nossos propósitos, na medida em que permite captar correlações entre significados do predicado da oração principal e propriedades

6 Outra razão que pode explicar por que os tipos de predicados em outros estudos são mais numerosos do que aqueles aqui descritos é o fato de a classificação estar baseada em todos os tipos de orações completivas (subjetivas, objetivas diretas e indiretas, predicativas e completivas nominais).

semânticas e morfossintáticas das completivas. A seguir são dados definições e exemplos de cada uma das três classes de predicados com orações completivas subjetivas e objetivas.

1. **Predicados avaliativos:** indicam uma avaliação do falante sobre o conteúdo na oração encaixada. Essa avaliação pode ser:

- a) **Modal:** a avaliação se dá em termos da probabilidade de que o conteúdo na oração completiva seja real/verdadeiro (modalidade epistêmica), como mostram (14) e (15), ou de que esse conteúdo seja necessário, obrigatório, conveniente (modalidade deôntica), como ilustram (16) e (17).
- (14) já chegou aqui, eu já dei parecer favorável. portanto, eh, vai agora para o pessoal, **é provável** que... *amanhã ou no outro dia receba a resposta*. mas pronto, não há problema, em relação à troca. (Portugal 97: O trabalho e a posse da terra)
- (15) eu **acho** que *continua sendo superficial o nosso relacionamento*, por ser irmã gêmea eu acredito que nosso relacionamento é superficial (Brasil 95: Muito iguais e muito diferentes)
- (16) é um ba[...], um trabalho de bastidores muito intenso. **é preciso** *uma pessoa ter uma preparação, como antiquário, bastante grande, ler diariamente, estudar diariamente, estar a par dos valores que se praticam no estrangeiro pelas várias peças* (Portugal 89: O leiloeiro)
- (17) mas de qualquer forma **convém** *também recordar* que há certos cursos que nunca tivemos aqui no período colonial. (Angola 97: Ensino em Angola)

Predicados modais constituem predicação de um lugar, quando complementados por orações subjetivas, como em (14), (16) e (17), e predicação de dois lugares, quando complementados por orações objetivas, como em (15).⁷

⁷ Sobre a noção de valência quantitativa na GDF, que caracteriza diferentes moldes de predicação, ver Capítulo 1.

b) **Não modal:** a avaliação baseia-se na maneira como o falante considera a realização do evento na oração completiva, sem que essa avaliação envolva valores de probabilidade ou necessidade/obrigatoriedade. Esse tipo de predicado aparece nos dados apenas com orações subjetivas e, com mais frequência, sob a forma de “é difícil”, “é fácil”, “é (uma) pena”, que caracterizam predicções de um lugar, conforme exemplificam as ocorrências em (18a)-(18c) a seguir.⁸

- (18) a **é difícil** *o moçambicano meter na cabeça* que ele pode ganhar ou perder. (Moçambique 97: Sentimento e desporto)
- b e eu fiquei assim a olhar e disse “pois é, **é muito fácil fugir**, por aqui, de facto, mas não adianta de nada, fugir” (Portugal 95: Sonho)
- c **é uma pena** *que o dia que você mostrou o filme, “Ghost”, não é, eu estava hospitalizada* mas foi uma pena porque todo mundo falava de você na classe. (Brasil 93: Festa de estudante)

2. **Predicados descritivos:** descrevem eventos diversos que são expressos na oração completiva. A depender do significado do predicado na oração principal, esses eventos podem ser acontecimentos do mundo real, como ilustram as ocorrências em (19a)-(19e), ou situações que remetem a um mundo mental, conforme exemplificam (20a)-(20d).

- (19) a aquela família que era possessa da pulseira, teve um filho, nasceu uma criança, que nasceu com os olhos tortos, e foram ao curandeiro, um médico tradicional e este disse “olha, a criança deve usar um colar, no, no peito, no pescoço”, para cada vez que olhasse para este colar, eh, ela, para [...], para cada vez que olhasse para este colar, ela... tendia a melhorar, a endireitar os olhos. então **aconteceu** *que a criança, a de, a outra família teve de recorrer ao, à mesma família que anteriormente lhes havia emprestado a pulseira.* (Angola 97: Conto tradicional)

8 O predicado “é (uma) pena” apresenta como formas variantes “dá pena” e “(não) vale a pena”. Outras formas de predicados avaliativos não modais menos frequentes no corpus são: “é interessante”, “é legal”, “é tradição”, “é um sacrifício” e “basta”.

- b pedi ao mesmo primo para ver se me dava alguns, alguns tópicos deste ramo, mas, eh pá, não sei o que é que se passou com ele, pá, talvez por causa do tempo, *ele disse que não podia*. mas mesmo assim também não fiquei parado. (Moçambique 83: Cantar e pintar)
- c eh, olhando para todo esse panorama ambiental, assim, é possível fazer-se qualquer coisa para **evitar** *que esta degradação seja ainda acentuada nos próximos tempos* que, já que as consequências são visivelmente graves? (Angola 97: Guerra e ambiente)
- d então, nou[...], *a outra família exigia que tivesse que devolver o colar*, a ferro e fogo (Angola 97: Conto tradicional)
- e E eu **a ver** *o peixe assim voar, no ar, a passar assim como se estivesse num aquário* e eu, e eu a olhar, para aquilo, assim. (Portugal 95: Sonho)
- (20) a oh, oh, hoje é uma desgraça. só, as, os pequenas – tenho uma sobrinha-neta que aos catorze ou quinze anos já queria, sei lá, andar sozinha, não queria n[...], era de noite e de dia, tudo mais, já sabe como é. *elas agora entendem que a, que a liberdade e a felicidade que se constrói assim* mas... está bem. (Portugal 95: Juventude ontem e hoje)
- b **nós começámos a ver** [= compreender] *que afinal a, o, a mulher também é capaz de chegar muito longe*. (Moçambique 97: Sentimento e desporto)
- c depois genialmente, entre aspas esse genialmente, **descobriu** *que o trem não presta*, que o ideal é andar de ônibus. (Brasil 95: Trem de ferro)
- d quem está muito satisfeito com o plano real é o diretor-presidente do Memorial da América Latina, Fábio Magalhães. *ele acha que o real é um plano que cria uma estabilidade monetária*. (Brasil 80: Plano Real)

Predicados descritivos complementados por orações subjetivas constituem predicação de um lugar e são representadas, no corpus, pelo verbo “acontecer” (cf. (19a)). As orações objetivas, por sua vez, complementam predicados descritivos que configuram predicações de dois lugares (cf. (19b)-(19e) e (20a)-(20d)).⁹

⁹ A propósito das diferentes classificações do verbo “achar” em (15), como avaliativo modal, e em (20d), como descritivo, cabe esclarecer que a modali-

3. **Predicados manipulativos/causativos:** indicam que o evento na oração principal causa o evento na completiva (causativos), ou denotam uma manipulação do sujeito da oração principal para que o sujeito da encaixada realize o evento expresso na completiva (manipulativos). A junção desses dois predicados em uma mesma classe justifica-se pela proximidade existente entre os significados de manipulação e de causação. Essa proximidade reflete-se nas propriedades morfossintáticas das orações completivas desses predicados, que, conforme se verá adiante, revelam-se praticamente as mesmas. As ocorrências em (21a)-(21b) são exemplificativas dos predicados manipulativos/causativos, que funcionam como oração principal apenas de completivas em função de objeto e constituem predicacões de dois lugares.

- (21) a e então **mandou-me** *aventar aquilo tudo para o lixo* e disse-me “não, o senhor não precisa de tomar absolutamente nada”. (Portugal 97: Mal desconhecido)
- b penso que o Estado devia pensar numa parte também nesse, nesse termo, na cultura e não pensar só na entrada de, pronto, mercadorias, que devia produzir e tentar criar... lugares para **fazer essa cultura ir mais à frente**, porque assim, oh! penso que não vamos a nenhum fit[...], sítio. Guiné nem vai para a frente, nem vai para trás, está intacto; está no sítio. (Guiné-Bissau 95: Juventude guineense)

Uma primeira observação referente à distribuição dessas classes de predicados nos dados diz respeito à existência de um alinhamento entre a semântica do predicado da oração principal e a função sintática da oração completiva. É predominante a ocorrência de

zação, isto é, a indicação de que a verdade do conteúdo expresso é sustentada na crença e no conhecimento do falante, ocorre apenas quando o verbo se encontra no presente do indicativo e na primeira pessoa do singular, fazendo referência ao falante. Fora desse contexto, considera-se que o verbo apenas descreve uma avaliação, sem que haja modalização propriamente dita. Essa mesma distinção na classificação de verbos modais, como “achar” e equivalentes, é adotada por Gonçalves, Sousa e Casseb-Galvão (2008).

predicados avaliativos, tanto modais quanto não modais, como núcleo de orações subjetivas, ao passo que predicados descritivos e manipulativos/causativos ocorrem preferencialmente como núcleo de orações objetivas. Como já apontado, esse comportamento se justifica pela função basicamente avaliativa das orações subjetivas e pela função basicamente descritiva de eventos desempenhada pelas orações objetivas. Dada a frequência com que as orações desempenham essas funções, encaixando-se em predicados avaliativos e descritivos, pode-se mesmo dizer que, em termos pragmáticos, a indicação de avaliações do falante define a realização de orações subjetivas, e a descrição de eventos, a realização de orações objetivas. Essa correlação, nos termos da GDF, pode ser entendida como um alinhamento entre os níveis representacional e morfossintático.

Além da correlação com a função sintática das completivas aqui abordadas, a classe semântica do predicado da oração principal apresenta correlação sistemática com outros aspectos semânticos e formais do complemento oracional. O primeiro deles é a unidade semântica representada na oração encaixada, que, conforme já previsto no âmbito da GDF, é altamente determinada pela semântica do predicado encaixador.

Nos dados analisados, essa correlação se verifica, ainda que de maneira diferente para completivas subjetivas e objetivas. As primeiras, quando encaixadas em predicados descritivos, representam categoricamente estados de coisas (cf. (19a)),¹⁰ enquanto as completivas objetivas encaixadas nesses predicados representam estados de coisas apenas preferencialmente, em especial se a descrição é relativa a eventos do mundo real (cf. (19b)-(19e)). Se a descrição remete a situações de um mundo mental, entretanto, as objetivas equivalem predominantemente a conteúdos proposicionais, conforme exemplifica (22) a seguir.

10 Nos dados analisados, há apenas um caso de subjetiva encaixada em predicado descritivo equivalente a um episódio, o que não interfere no fato de ser categórica a seleção de estado de coisas com esse tipo de predicado, já que o episódio é uma combinação de estados de coisas tematicamente coerentes.

- (22) falha qualquer, ele já nega, mas *ele também não esquece que muitas vezes ele fala as coisa errada, não é isso?* (Brasil 80: Comer e falar bem)

Como complementos de predicados avaliativos, orações subjetivas e objetivas exibem comportamentos semelhantes no sentido de que, se a avaliação descrita no predicado é de natureza modal, os dois tipos de completivas representam majoritariamente conteúdos proposicionais, conforme exemplificam as duas ocorrências no trecho em (23) a seguir, introduzidas por “é claro” (subjetiva) e “acho” (objetiva).

- (23) – ó pá, sobre essa questão de dar força ou não dar força, **é claro** que *n[...], é, é de direito dos moçambicanos de darem força*, mas... nós temos, somos, **acho** que *somos m[...], exigentes demais*. recordas-te do último jogo dos Mambas no Estádio da Machava? (Moçambique 97: Sentimento e desporto)

As ocorrências de predicados avaliativos com completivas que representam estado de coisas, pouco frequentes nos dados, em geral constituem casos de construções com orações subjetivas em que o predicado da oração principal descreve uma avaliação deôntica, como nos exemplos (16) e (17), retomados aqui como (24) e (25).

- (24) é um ba[...], um trabalho de bastidores muito intenso. **é preciso** *uma pessoa ter uma preparação, como antiquário, bastante grande, ler diariamente, estudar diariamente, estar a par dos valores que se praticam no estrangeiro pelas várias peças* (Portugal 89: O leiloeiro)
- (25) mas de qualquer forma **convém** *também recordar* que há certos cursos que nunca tivemos aqui no período colonial. (Angola 97: Ensino em Angola)

Se a avaliação é do tipo não modal, indicada apenas por predicados encaixadores de orações subjetivas, a unidade que a completiva representa é sempre um estado de coisas (cf. (18a)-(18c), retomados aqui como (26a)-(26c)).

- (26) a **é difícil** o moçambicano meter na cabeça que ele pode ganhar ou perder. (Moçambique 97: Sentimento e desporto)
- b e eu fiquei assim a olhar e disse “pois é, **é muito fácil** fugir, por aqui, de facto, mas não adianta de nada, fugir” (Portugal 95: Sonho)
- c **é uma pena** que o dia que você mostrou o filme, “Ghost”, não é, eu estava hospitalizada mas foi uma pena porque todo mundo falava de você na classe. (Brasil 93: Festa de estudante)

Predicados manipulativos/causativos, por fim, que ocorrem exclusivamente com orações objetivas, selecionam, de forma categórica, completivas equivalentes a estados de coisas, conforme ilustram os dados em (21a)-(21b), retomados aqui como (27a)-(27b).

- (27) a e então **mandou-me** aventar aquilo tudo para o lixo e disse-me “não, o senhor não precisa de tomar absolutamente nada”. (Portugal 97: Mal desconhecido)
- b penso que o Estado devia pensar numa parte também nesse, nesse termo, na cultura e não pensar só na entrada de, pronto, mercadorias, que devia produzir e tentar criar... lugares para **fazer essa cultura ir mais à frente**, porque assim, oh! penso que não vamos a nenhum fit[...], sítio. Guiné nem vai para a frente, nem vai para trás, está intacto; está no sítio. (Guiné-Bissau 95: Juventude guineense)

A semântica do predicado também revela, a partir dos dados analisados, estreita correlação com os seguintes aspectos da codificação morfossintática das orações completivas: carácter finito/não finito, identidade dos participantes sujeitos envolvidos, modo e tempo verbal. Também aqui, essa correlação pode ser entendida, nos termos da GDF, como um alinhamento entre os níveis representacional e morfossintático.

Com relação ao carácter finito/não finito das orações completivas, os dados mostram que, de modo geral, as orações subjetivas e objetivas apresentam complementos tanto finitos quanto não finitos. A existência desses dois tipos de estruturas está relacionada a diferenças conceituais, que refletem a natureza icônica da lingua-

gem. Segundo Hengeveld e Mackenzie (2008, p.283), é possível observar uma variedade de fenômenos nas línguas que reflete certa homologia entre forma e função. Esse fenômeno de “espelhamento” forma/função contribui para maximizar o paralelismo entre as estruturas, reiterando, desse modo, a transparência e facilitando a interpretação.

Essa visão da GDF é caudatária do princípio da iconicidade (Givón, 1990), segundo o qual a estrutura da língua reflete, de alguma forma, as relações estabelecidas entre mundo e falante, havendo, portanto, em alguns casos, uma relação motivadora entre forma e função. Assim, no caso das orações subordinadas em função de objeto, os predicados avaliativos encaixam apenas complementos finitos (cf. (28)).

- (28) *eu acho que continua sendo superficial o nosso relacionamento, por ser irmã gêmea eu acredito que nosso relacionamento é superficial*
(Brasil 95: Muito iguais e muito diferentes)

Esse resultado está em consonância com o princípio icônico da quantidade, segundo o qual a complexidade de pensamento tende a refletir na complexidade da expressão. Os complementos dos predicados avaliativos apresentam um conteúdo que é resultado de uma avaliação do falante, isto é, um processo mental mais elaborado e complexo que reflete em uma estrutura mais complexa: a oração finita.

As orações objetivas que complementam predicados descritivos, por outro lado, podem receber tanto uma codificação morfosintática finita como uma não finita, com predomínio da primeira. Há, no entanto, diferenças no que diz respeito à conceitualização dos eventos nas orações, em razão do princípio icônico da adjacência (Givón, 1990): conceitos mais integrados em termos cognitivos manifestam-se na língua com maior integração morfosintática. Dessa forma, orações com predicados descritivos combinados com complementos não finitos, como em (29), mais integrados morfosintaticamente, denotam uma relação de maior proximidade física entre os eventos.

- (29) o António já estava a vestir-se, no quarto, e eu fui tomar banho. e depois, saí enrolada na toalha, espreeitei, *vi o António a vestir-se*, voltei para a casa de banho. (Portugal 95: Sonho)

Complementos finitos, tais como em (30), mais independentes morfossintaticamente da oração principal, exprimem, nesse sentido, maior distância conceitual com relação ao evento descrito na primeira oração.

- (30) pedi ao mesmo primo para ver se me dava alguns, alguns tópicos deste ramo, mas, eh pá, não sei o que é que se passou com ele, pá, talvez por causa do tempo, *ele disse que não podia*. mas mesmo assim também não fiquei parado. (Moçambique 83: Cantar e pintar)

As orações objetivas com predicado manipulativo/causativo ocorrem apenas com complementos não finitos. Esse comportamento confirma a escala de integração de eventos proposta por Givón (1990), segundo a qual esse tipo de predicado é o que apresenta maior integração entre os eventos da oração principal e da completiva. Os aspectos semânticos das construções com predicados manipulativos/causativos que atestam a forte integração entre o evento da oração principal e o da completiva são, segundo Givón (1990), a integração temporal (cotemporalidade) e a integração espacial (os participantes compartilham o espaço físico em que os eventos ocorrem). Tais aspectos podem ser observados na ocorrência a seguir.

- (31) eu andava a tomar três valium cinco por dia, o médico disse-me logo se eu andava a ser tratado por um veterinário cá da zona
– ah!
– e então **mandou-me** *aventar aquilo tudo para o lixo* e disse-me “não, o senhor não precisa de tomar absolutamente nada”. (Portugal 97: Mal desconhecido)

Em comparação com as orações com função de objeto, aquelas que funcionam como sujeito apresentam um alinhamento mais sistemático no que diz respeito à correlação entre a codificação mor-

fossintática da oração e a semântica do predicado. Os predicados avaliativos modais encaixam predominantemente complementos finitos, como em (32), ao passo que, com os avaliativos não modais, as subjetivas ocorrem majoritariamente como complementos não finitos, como em (33). Os predicados descritivos, por sua vez, ocorrem quase exclusivamente com complementos finitos, como em (34).

- (32) – e posso-lhe contar uma – esta é por graça e, e **claro que mete muito exageros**. mas isto era do... velhote, lá da Amareleja, que, pronto, caçava com uma daquelas espingardas muito velhas, já toda muito velha e toda muito presa com arames, e só dava um tiro. e era daquelas de atacar pela boca. (Portugal 97: Boa pontaria)
- (33) – mas, já pensou que é dif[...], não acha que é **difícil**, nos dias que correm, para uma mulher, ah, **ser... profissional de uma coisa qualquer**, e a sua vida de, pessoal? combinar as duas coisas. (Portugal 96: Marido ideal)
- (34) os olhos tortos, e foram ao curandeiro, um médico tradicional e este disse “olha, a criança deve usar um colar, no, no peito, no pescoço”, para cada vez que olhasse para este colar, eh, ela, para [...], para cada vez que olhasse para este colar, ela... tendia a melhorar, a endireitar os olhos. então **aconteceu que a criança, a de, a outra família teve de recorrer ao, à mesma família que anteriormente lhes havia emprestado a pulseira**. (Angola 97: Conto tradicional)

A codificação morfossintática das orações e o tipo de predicado que elas complementam também podem ser correlacionados à identidade ou não identidade dos participantes sujeitos da oração principal e da completiva. A análise das construções, segundo esse aspecto, é possível apenas para os complexos oracionais com completiva objetiva, já que, com oração subjetiva, o sujeito da oração principal equivale sempre à própria oração completiva e esta, por sua vez, tem seu próprio sujeito.

As orações subordinadas objetivas finitas apresentam, em sua maioria, sujeitos diferentes em relação à oração principal, independentemente de qual seja o tipo de predicado encaixador, conforme ilustra (35).

- (35) – o que é que você acha que é o jeitão do mineiro, Heloiza?
 – eu acho, sabe, que tem aquele de[...], assim, aquela coisa assim, aquela coisa sóbria, sabe, aquela coisa
 – hum.
 – sóbria que o mineiro tem, que não é tão exuberante feito nós somos, mas tem aquele ar assim, assim ma[...], fechado, sabe, que não tem a água, em termos de mar, assim, a coisa da abertura, dá aquela coisa, assim, mais introspectiva...
 – sei.
 – é, **eu acho que ele tem, tem todo o astral em volta para dar aquela certa concentração.**
 – ham, ham.
 – sabe,
 – é, é tudo entre montanhas, não é (Brasil 80: Arte urbana)

Com relação às orações subordinadas objetivas não finitas, aquelas que têm predicado descritivo ocorrem tanto em construções com sujeitos idênticos, como em (36), quanto com sujeitos diferentes, como em (37).

- (36) eh, alguns têm interesse a aprender e outros não. mas, isso é, a maioria, **a maioria aprende a fazer um mi menor ou um ré menor no violão**, pronto, já sabe muito, e vai fazer (Cabo Verde 95: As mornas)
- (37) e **eu a ver o peixe assim voar**, no ar, a passar assim como se estivesse num aquário e eu, e eu a olhar, para aquilo, assim. (Portugal 95: Sonho)

Por outro lado, se o predicado é manipulativo/causativo, há apenas ocorrências de sujeitos diferentes na oração principal e na completiva. Isto é previsível, tendo em vista o significado do verbo da oração principal: um sujeito impõe/causa a realização de um evento por outro sujeito. A ocorrência a seguir é exemplificativa dessas construções.

- (38) **eu mando ele acen[...], ele acender o cigarro para mim**, ele se engasga, sai tossindo. (Brasil 80: Criar filhos)

Com relação ao modo verbal, as subjetivas com predicados avaliativos modais do tipo epistêmico indicador de certeza encaixam orações completivas com verbos no modo indicativo de maneira categórica. Esses predicados,¹¹ que marcam a certeza do falante em relação ao enunciado produzido, geram um conteúdo proposicional fortemente afirmado como verdadeiro, caracterizando o que Givón (1995) denomina de modalidade *realis*.

- (39) os fluxos, os fluxos migratórios que sempre houve em todo o mundo provocados por desgraças, por guerras, fomes, secas, etc., por cataclismos naturais ou artificiais, dependendo da quantidade de pessoas que se mo[...], que se m[...], m[...], mobilizam de um lado para o outro, **claro que traz sempre grandes desvantagens**, sempre grandes desequilíbrios ambientais. (Angola 97: Guerra e ambiente)
- (40) inclusive, assim, me[...], mexeu comigo, sabe, de, de ela ter ficado noiva e eu nessa ainda, não é, **lógico que mexe**, não é (Brasil 95: Muito iguais e muito diferentes)

As poucas ocorrências de subjuntivo, no caso das orações subjetivas, são marcadas por uma avaliação que se projeta para o futuro, fortemente associada à categoria *irrealis*, também proposta por Givón (1995). A codificação morfosintática de subjuntivo, nesses casos, está correlacionada aos seguintes elementos:

- a) Adjetivo modal epistêmico que expressa dúvida (como “provável”).
- (41) sim, sim. já chegou aqui, eu já dei parecer favorável. portanto, eh, vai agora para o pessoal, é **provável que... amanhã ou no outro dia receba a resposta**. mas pronto, não há problema, em relação à troca. (Portugal 97: O trabalho e a posse da terra)

11 Os predicados indicadores de certeza ficaram limitados às formas “claro”, “lógico” e “evidente”, com e sem o verbo cópula. Essa alternância envolvendo a cópula é frequente nos predicados que encaixam orações subjetivas, um fenômeno que, em razão dos propósitos do trabalho aqui apresentado, não foi contemplado nas análises. Para um estudo funcionalista a respeito dessa alternância entre presença e ausência da cópula em orações subjetivas, ver Fortilli (2007).

b) Adjetivo modal deôntico que expressa uma necessidade (como “preciso”).

- (42) – a quem é que atribui essa responsabilidade?
 – todos nós. não é uma forma falaciosa de fa[...], é **preciso** que *toda a gente, a todos os níveis, cada um a seu nível, efectivamente saiba aquilo que deve fazer* e de que é que dispõe para fazê-lo. (São Tomé e Príncipe 96: Ser professor)

c) Adjetivo não modal que expressa desejo (como “bom”).

- (43) pois. e é **bom** que isto **conste** no processo, não é, até para defesa das partes. (Portugal 97: O trabalho e a posse da terra)

Assim como as completivas em função de sujeito, as objetivas com predicados avaliativos modais também recebem codificação morfossintática de modo indicativo, como em (44). A codificação de modo subjuntivo, nesses casos, é condicionada por um elemento indicador de incerteza, como o advérbio “talvez” em (45).

- (44) eh, eh, durante esse período, **julgo** que já **tinha** quatro anos, eh, aconteceu-me algo de muito engraçado. eu gosto até agora, como sempre gostei, eh, de ver cair (Moçambique 86: Chuva)

- (45) hoje, **acho** que, *muitas coisas que eu fiz*, **talvez não fizesse**, se voltasse ao ensino. (São Tomé e Príncipe 96: Ser professor)

Com predicados descritivos, a codificação de indicativo é categórica para as orações subjetivas. Predicados dessa natureza relacionam-se a acontecimentos passados, também associados à indicação de *realis*, como mostra a ocorrência de “acontecer” em (46).

- (46) – uma vez que tinha que, eh, largar o, esse trabalho às, sensivelmente quando fossem onze horas. então não era, não, não havia grande necessidade para levar m[...], marmitas para lá.
 – hum.
 – e... **acontece** que as outras crianças **tinham** que levar sempre, porque ficavam todo, todo o dia... (Moçambique 86: Meninice machamba)

Nas orações objetivas, embora seja predominante a codificação do verbo no modo indicativo, a de subjuntivo pode ocorrer quando o evento descrito pelo predicador pressupõe a ocorrência futura (*irrealis*) do evento na oração encaixada, como em (47).

- (47) então, nou[...], a outra família **exigia que tivesse** que devolver o colar, a ferro e fogo (Angola 97: Conto tradicional)

O predomínio de codificação morfossintática de indicativo, tanto nas orações subjetivas como nas objetivas, está provavelmente condicionado ao tipo de cópula adotado, composto na sua maior parte por entrevistas, que favorecem a assunção de uma atitude assertiva – portanto, *realis* – por parte do enunciador.

Quanto à codificação de tempo do verbo da oração completiva, os resultados revelam que são poucos os casos determinados por traços semânticos do predicado da oração principal. Os predicados avaliativos modais deonticos (como “é necessário”) determinam uma codificação de tempo futuro para as orações subjetivas, como em (48), e os predicados manipulativos/causativos (como “mandar”) determinam uma codificação de tempo futuro para as objetivas, como em (49).

- (48) a separação por mais de seis anos, separação de facto por mais de seis anos consecutivos constitui fundamento de divórcio. para isso é **necessário** propor uma acção em que se tem que alegar e provar essa mesma separação e alegar e provar também que existe da parte do nosso telespectador o intuito de se divorciar da sua mulher. (Portugal 89: Mundo do direito)
- (49) ele man[...], eu **mando** ele acen[...], ele acender o cigarro para mim, ele se engasga, sai tossindo. (Brasil 80: Criar filhos)

Observa-se que, nesses casos, o evento expresso na oração encaixada é necessariamente posterior ao evento da oração principal, ainda que nela não se manifestem morfossintaticamente flexões de tempo.

Para todos os outros tipos de predicados, o tempo verbal, em princípio, é livre. Verifica-se nos dados, entretanto, o predomínio de presente nas subjetivas e objetivas com predicados avaliativos,

como em (50a)-(50b), e o predomínio de passado nas subjetivas com predicados descritivos, como em (51).

- (50) a durante o ano, **claro que não há muito trabalho**. e aí está: é uma das desvantagens, se eu por exemplo, se estivesse em Lisboa, já tinha entrevistas todas as semanas, não é (Portugal 96: Um meio pequeno)
- b quando se chega ao, a Faro, por exemplo, **eu acho que é muito pior do que Lisboa**. (Portugal 95: Grandes cidades)
- (51) **aconteceu que essa família, no seio desta família, não havia ninguém que possuía a pulseira recomendada pelo... médico tradicional**. foi então que... a[...], ocorreram a outras famílias e apareceu uma que tinha essa pulseira, e emprestaram a pulseira (Angola 97: Conto tradicional)

Esse predomínio, porém, não deve ser entendido como motivado pelos traços semânticos do predicado da oração principal, uma vez que a codificação de tempo, como se sabe, é determinada sobretudo pelo tipo de sequência textual em que as orações ocorrem, se narrativa ou argumentativa/descritiva.

Em conjunto com os resultados do modo verbal, os resultados relativos ao tempo verbal revelam que, para a expressão do modo e do tempo do verbo na oração completiva, a natureza do cópula investigado, caracterizado, aqui, por atitudes assertivas do falante, tem atuação mais forte do que a semântica do predicado.

Unidade semântica da completiva

Além da semântica do predicado da oração principal, outro aspecto relevante para a caracterização funcional das construções completivas é, conforme proposto no âmbito da GDF, o tipo da unidade semântica representado pelo complemento oracional. A depender de qual seja essa unidade, verificam-se correlações sistêmicas nos dados analisados, que se manifestam de maneiras diferentes nas orações completivas subjetivas e objetivas. Desse ponto de vista, portanto, também se observa um alinhamento entre

os níveis representacional e morfossintático na estruturação das construções completivas.

De modo geral, as unidades representadas em completivas subjetivas tendem a ser mais restritas do que aquelas representadas em completivas objetivas. Os dados mostram que as orações subjetivas veiculam majoritariamente estados de coisas, como em (52), e conteúdos proposicionais, como em (53).

- (52) isto, mesmo que não haja grandes quantidades de pessoas, *basta apenas transferir populações de um, de uma dado, de um determinada zona ecológica* (Angola 97: Guerra e ambiente)
- (53) sim, sim. já chegou aqui, eu já dei parecer favorável. portanto, eh, vai agora para o pessoal, *é provável que... amanhã ou no outro dia receba a resposta.* (Portugal 97: O trabalho e a posse da terra)

Nas completivas objetivas, por outro lado, veiculam-se, com frequência equilibrada, tanto estados de coisas quanto conteúdos proposicionais, conforme exemplificam, respectivamente, as ocorrências em (54) e (55).

- (54) até hoje, a imagem que eles têm, embora em conversa depois com eles, eles digam que faz falta alguém assim no liceu, mas sinto que eu fui um bocado dura. podia ter sido na mesma rigorosa sem ter sido tão dura. e... *isso levou-me a ter algumas situações muito esquisitas*, ao ponto de uma vez um menino ter a [...], me atirado com pedra no liceu, pelo facto de eu o ter... sancionado com [...], sancionado com a pena máxima que era de... (São Tomé e Príncipe 96: Ser professor)
- (55) e os filhos ficaram todos ricos. mas j[...], eles julgavam que o dinheiro que nunca acabava. *eles julgavam que nunca mais se acabava.* abandonaram o serviço. (Portugal 97: Desporto e dinheiro)

Essa diferença, que aponta para uma maior variabilidade de funcionamento de completivas objetivas do que de subjetivas, também pode se explicar pela função essencialmente avaliativa das subjetivas e basicamente descritiva das objetivas, já indicadas.

Ainda a respeito da unidade que as orações completivas veiculam, um comportamento que aproxima subjetivas e objetivas é o fato de ambas praticamente não expressarem episódios. Encontram-se, no *cópus* investigado, apenas quatro ocorrências de completivas representativas dessa unidade, duas com oração subjetiva (cf. (56) e (57)) e duas com oração objetiva (cf. (58) e (59)).

- (56) claro, também há os grupos, exacto. mas pareceu-me um bocado diferente daqui do Porto. ***é evidente que as pessoas de Lisboa também chegam aqui, e, e também têm essa sensação***, não é, um bocado. (Portugal 95: Grandes cidades)
- (57) e nunca ***aconteceu de você estar longe dela, você se machucar e ela sentir***, ou... o contrário? (Brasil 95: Muito iguais e muito diferentes)
- (58) o fundo da piscina deu defeito, tiveram que esvaziar e pi[...], e pintar, e limpar. aí perceberam que estava toda quebrada, então resolveram tirar – porque a piscina natural é toda de pedra – então ***resolveram tirar aquelas pedras e botar um cimento***. quando começaram a, a tirar a parte, a parte externa, começaram a perceber que tinham mais pedras para dentro, todas, eh, manuseadas. (Brasil 80: Fazenda)
- (59) a pintura, quer dizer, foi uma coisa que já vinha desde criança, gostei de, gostei de desenho desde talvez a infância porque lembro muito bem que quando era garoto andava a esboçar no chão, pá, com o dedo e tal. mais tarde comecei a fazer, quer dizer, desenhos assim de criancice, sabes, nos cadernos de escola primária e ***lembro-me que em mil novecentos e oitenta tive um primo que estava a tirar o curso por correspondência de desenho e pintura, Alberto Torrão, quer dizer, ele foi a pessoa que me deu mais força e infelizmente quando estava para me inscrever o curso já estava encerrado mas nem com isso fiquei parado. pedi ao mesmo primo para ver se me dava alguns, alguns tópicos deste ramo, mas, eh pá, não sei o que é que se passou com ele, pá, talvez por causa do tempo, ele disse que não podia. mas mesmo assim também não fiquei parado. a única coisa que tinha a fazer era só investigar assim sozinho através de, eh pá, material que eu tinha, não é, lápis de carvão e tal. mais tarde dediquei-me, comecei a dedicar-me na pintura. comecei a pintar, pá,***

principalmente foi com aguarela, e vi que, que estava subdesen[...], não sei, quer dizer, como eu estava a treinar sozinho, para mim aquilo era um pouco difícil. comecei a pintar com guache também, também não resultou muito bem, mas afinal era, mais tarde notei que era falta de tática, sabes, porque se, eh pá, se tivesse aqueles conhecimentos básicos, não haveria nenhuma, nenhuma dificuldade. por isso, pá, quer dizer, agora tenho um pouco de jeito mas que não é aquele jeito que se diz... jeito. (Moçambique 83: Cantar e pintar)

Mais do que a qualquer particularidade relativa ao tipo de completiva ou ao *córpus* investigado, acredita-se que a baixa frequência de orações indicativas de episódio possa se dever à própria natureza dessa unidade. Dado que episódios se definem pelo encadeamento de estados de coisas, sua constituição torna-se mais complexa, mais elaborada do que a de outras unidades, o que explicaria seu emprego mais raro nas construções aqui analisadas.

É possível estabelecer ainda, segundo a GDF, um alinhamento entre a camada da oração completiva e sua codificação morfossintática finita ou não finita. Essa correlação, que segue a hierarquia das unidades semânticas, apresenta-se da seguinte forma: quanto mais baixa (menos complexa, menos abstrata, mais concreta) for a unidade na hierarquia da estrutura em camadas, maior a probabilidade de ela ser expressa em oração completiva não finita e, inversamente, quanto mais alta for a unidade na hierarquia, maior a probabilidade de ser expressa em completiva finita.

Os dados das orações completivas subjetivas confirmam esse alinhamento representacional e morfossintático, uma vez que os complementos representados por estados de coisas ocorrem majoritariamente como complementos não finitos (cf. (60)) e aqueles representados por conteúdos proposicionais são codificados exclusivamente como complementos finitos (cf. (61)). Os poucos casos de episódios refletem a posição intermediária que essa unidade ocupa em relação a estado de coisas e conteúdo proposicional, uma vez que podem ser tanto finitos (cf. (62)) quanto não finitos (cf. (63)).

- (60) o ensino do português lá é muito proveitoso. toda a gente manda filhos para lá. chegamos lá, por exemplo, eh, o primeiro dia de aula é proibido falar, *os alunos, cada um, é proibido falar a su[...], o seu dialecto*. para quem sabe português, começa logo manejar o português[...] (Timor Leste 99: Regras)
- (61) bem, nã[...], eu, há uma, uma, uma... fórmula de avaliação final do décimo segundo ano, que neste momento não tenho presente, mas, eh, que, que realmente *me parece que os alunos, eh, do ensino público estão sempre um bocado em desvantagem em relação aos do ensino privado*. (Portugal 95: Vida de estudante)
- (62) claro, também há os grupos, exacto. mas pareceu-me um bocado diferente daqui do Porto. *é evidente que as pessoas de Lisboa também chegam aqui, e, e também têm essa sensação*, não é, um bocado. (Portugal 95: Grandes cidades)
- (63) e nunca *aconteceu de você estar longe dela, você se machucar e ela sentir*, ou... o contrário? (Brasil 95: Muito iguais e muito diferentes)

Os complementos com função de objeto também confirmam o alinhamento entre os níveis representacional e morfossintático para a gramática das orações completivas, na medida em que os estados de coisas são expressos predominantemente em orações não finitas (cf. (64)) e os conteúdos proposicionais, em orações finitas (cf. (65)). Assim como acontece com as completivas subjetivas, há poucos casos de complementos do tipo episódio, os quais apresentam codificação morfossintática tanto não finita (cf. (66)) quanto finita (cf. (67)).

- (64) para ter filhos, ah, ao ficar grávida faz o aborto, com, fica com receio de estar com a gravidez perante os colegas den[...], dentro da sociedade. então, ah, *é uma das razão que leva os jovens a fazer o aborto*. (Guiné-Bissau 95: Aborto)
- (65) mas é uma tristeza, as pessoas do lugar não dão o menor valor, sabe, por exemplo, *elas acham que coisa antiga é coisa velha*. (Brasil 80: Arte urbana)

- (66) o fundo da piscina deu defeito, tiveram que esvaziar e pi[...], e pintar, e limpar. aí perceberam que estava toda quebrada, então resolveram tirar – porque a piscina natural é toda de pedra – então resolveram **tirar aquelas pedras e botar um cimento**. quando começaram a, a tirar a parte, a parte externa, começaram a perceber que tinham mais pedras para dentro, todas, eh, manuseadas. (Brasil 80: Fazenda)
- (67) a pintura, quer dizer, foi uma coisa que já vinha desde criança, gostei de, gostei de desenho desde talvez a infância porque lembro muito bem que quando era garoto andava a esboçar no chão, pá, com o dedo e tal. mais tarde comecei a fazer, quer dizer, desenhos assim de criancice, sabes, nos cadernos de escola primária e *lembro-me que em mil novecentos e oitenta tive um primo que estava a tirar o curso por correspondência de desenho e pintura, Alberto Torrão, quer dizer, ele foi a pessoa que me deu mais força e infelizmente quando estava para me inscrever o curso já estava encerrado mas nem com isso fiquei parado. pedi ao mesmo primo para ver se me dava alguns, alguns tópicos deste ramo, mas, eh pá, não sei o que é que se passou com ele, pá, talvez por causa do tempo, ele disse que não podia. mas mesmo assim também não fiquei parado. a única coisa que tinha a fazer era só investigar assim sozinho através de, eh pá, material que eu tinha, não é, lápis de carvão e tal. mais tarde dediquei-me, comecei a dedicar-me na pintura. comecei a pintar, pá, principalmente foi com aguarela, e vi que, que estava subdesen[...], não sei, quer dizer, como eu estava a treinar sozinho, para mim aquilo era um pouco difícil. comecei a pintar com guache também, também não resultou muito bem, mas afinal era, mais tarde notei que era falta de táctica, sabes, porque se, eh pá, se tivesse aqueles conhecimentos básicos, não haveria nenhuma, nenhuma dificuldade. por isso, pá, quer dizer, agora tenho um pouco de jeito mas que não é aquele jeito que se diz... jeito.* (Moçambique 83: Cantar e pintar)

Tendo em vista que os complementos não finitos são formalmente mais integrados à oração principal (Lehmann, 1988; Hopper, Traugott, 1993) e que há um alinhamento estreito entre codificação morfossintática e tipo de unidade semântica (Hengeveld; Mackenzie, 2008), como já foi mostrado, poder-se-ia pressupor que a integração se refletisse no compartilhamento de constituintes entre oração principal e completiva, como o sujeito das orações. Assim, a hipótese seria que orações não finitas, mais integradas e represen-

tativas de unidades mais baixas, ocorreriam em construções com sujeitos idênticos e, ao contrário, orações finitas, menos integradas e representativas de unidades mais altas, participariam de construções com sujeitos diferentes.

Os dados, no entanto, apontam para a refutação dessa hipótese, ou seja, revelam que a integração estrutural não se reflete, pelo menos no que diz respeito ao sujeito sintático, no compartilhamento de constituintes entre as orações, na medida em que predominam sujeitos diferentes nas objetivas, independentemente de a completa representar uma unidade mais baixa (estado de coisas) ou mais alta (conteúdo proposicional). A seguir, são apresentadas ocorrências que ilustram o não compartilhamento do constituinte sujeito entre a oração principal e o complemento quando este é um estado de coisas (cf. (68)) e um conteúdo proposicional (cf. (69)).

- (68) ele, a United Press estava instalada no segundo andar, “estão a arrombar as portas no rés-do-chão. [eu] *sinto-os subir a escada.*” a electricidade estava fechada, é claro, não havia... elevadores. (Portugal 73: Jornalismo)
- (69) porque se fosse, se eu vivesse com mais alguém [eu] *acho que esse dinheiro, di[...], dinheiro não chegava.* (Angola 97: Jovem Gaspar)

Na seção anterior, a ocorrência predominante de modo indicativo e tempo presente, tanto para as subjetivas quanto para as objetivas, foi considerada independente da semântica do predicado. Da mesma forma, a unidade semântica representada pela completiva também não se mostrou determinante para a indicação de modo e tempo na oração. Esse resultado reforça, portanto, o papel do tipo de sequência textual sobre a escolha de modo e tempo, mais do que qualquer outro fator de natureza semântica.

Palavras finais

Neste capítulo, buscamos descrever, a partir de uma perspectiva discursivo-funcional, as construções completivas com orações

em função de sujeito e de objeto a partir de cópulas representativas de diferentes variedades do português. A análise demonstrou não haver diferenças no funcionamento dessas construções entre as variedades investigadas.

Na teoria da GDF, principal abordagem teórica adotada no trabalho aqui apresentado, a caracterização das completivas é feita a partir da unidade semântica que elas representam e que é determinada, em grande medida, pela semântica do predicado completado. Esses dois critérios foram empregados para identificar determinações funcionais na estruturação de construções completivas do português. No Quadro 1, aparecem resumidas as correlações mais significativas que podem ser feitas entre os aspectos semânticos e morfossintáticos das completivas analisadas no estudo que originou este capítulo.

Quadro 1 – Correlações entre aspectos semânticos e morfossintáticos das orações completivas

Formulação semântica		Codificação morfossintática		
		Subjetivas	Objetivas	
Semântica do predicado da oração principal	Avaliativo modal	Finito	Finito	Sujeitos diferentes
	Avaliativo não modal	Não finito	–	–
	Descritivo	Finito	Finito/ Não finito	Sujeitos idênticos ou diferentes
	Manipulativo/ Causativo	–	Não finito	Sujeitos diferentes
Unidade semântica da oração completiva	Estado de coisas	Não finito	Não finito	Sujeitos idênticos ou diferentes
	Episódio	Finito/ Não finito	Finito/ Não finito	Sujeitos idênticos ou diferentes
	Conteúdo proposicional	Finito	Finito	Sujeitos idênticos ou diferentes

Como se pode ver no quadro, há algumas correlações claramente definidas entre a formulação semântica e a codificação morfossintática das completivas aqui analisadas. Os predicados avaliativos modais determinam a codificação morfossintática finita das orações completivas subjetivas e objetivas e a não identidade dos participantes sujeitos da oração principal e da oração completiva objetiva. Os predicados avaliativos não modais, por sua vez, só introduzem orações subjetivas e determinam sua codificação morfossintática não finita. Os predicados descritivos ocorrem com completivas subjetivas que recebem apenas codificação morfossintática finita, ao passo que, quando introduzem completivas objetivas, estas podem receber tanto codificação morfossintática finita como não finita. No caso das completivas objetivas introduzidas por predicados descritivos, pode ou não haver identidade entre os sujeitos das orações principal e completiva. Os predicados manipulativos/causativos, por outro lado, só ocorrem com completivas objetivas e determinam a codificação morfossintática não finita das orações, bem como a não identidade de seus sujeitos.

Quando se considera o tipo da unidade semântica representado pelo complemento oracional e o formato da completiva, as correlações se apresentam mais sistemáticas. Como se vê no quadro, independentemente da função sintática da completiva, complementos do tipo estado de coisas recebem codificação morfossintática não finita, e complementos do tipo conteúdo proposicional recebem codificação morfossintática finita. Os poucos casos de complementos do tipo episódio podem receber tanto codificação morfossintática finita como não finita. Com relação à identidade dos participantes sujeitos da oração principal e da oração completiva objetiva, observa-se que esse aspecto não é determinado pelo tipo de unidade semântica representado pelo complemento oracional, uma vez que pode haver identidade ou não dos participantes sujeitos das orações com complementos oracionais dos três tipos: estado de coisas, episódio e conteúdo proposicional.

A descrição das orações completivas a partir do modelo teórico da GDF permitiu evidenciar a forte atuação de aspectos semântico-

-funcionais sobre a forma que as completivas investigadas assumem. O comportamento de alguns fatores para os dois tipos de oração demonstrou também que essa determinação é sensível à função sintática da oração completiva. Tomados em conjunto, esses resultados configuram-se como evidência de correspondências sistemáticas entre aspectos semântico-discursivos, ligados à formulação linguística, e aspectos morfossintáticos, ligados à codificação. No que se refere às orações completivas subjetivas e objetivas do português, os resultados validam, assim, a proposta da GDF de descrição das unidades linguísticas em níveis distintos de representação gramatical.